

## Jacarandá caroba, medicamento de Mure

Amarily Toledo Cesar; Paula A. Sollero; Cleudi Pereira; Gabriel Sollero

Toda biodiversidade disponível no Brasil foi percebida por Benoit Mure, quando, no século XIX, chegou por aqui trazendo, entre outras idéias, a homeopatia. Um de seus livros, *Patogenesia Brasileira*, recentemente traduzido, foi prefaciado por Miriam Sommer, que em um texto denominado “O Retrato Deslumbrante de um Mundo Novo e Diverso”, cita a “menção documental da ousadia no que se refere à escolha do material a ser utilizado nas novas experimentações medicamentosas”, além do óbvio deslumbramento e emprego da criatividade na procura de medicamentos novos<sup>(1)</sup>.

A publicação da tradução brasileira da obra de Mure trouxe mais divulgação entre nós aos diferentes medicamentos propostos pelo autor para uso homeopático. O coordenador da publicação, Paulo Rosenbaum, consciente das dificuldades enfrentadas na época para detalhar informações sobre alguns medicamentos, propôs a revisão farmacêutica a Stella Maria Garbi e Amarily de Toledo Cesar, tentando complementar uma pendência no conhecimento<sup>(1)</sup>.

Algumas das espécies por ele experimentadas continuam até hoje muito pouco caracterizadas e estudadas, como é o caso, entre outros de *Sedinha*, *Murure leite*, *Panacea* ou *Resina Itu*. *Jacaranda caroba*, que foi experimentado no Instituto Homeopático no Rio de Janeiro, é citado em *Patogenesia Brasileira*, e mesmo com nomenclaturas adicionais também apresenta muitas dificuldades para sua caracterização<sup>(2)</sup>.

Também na Europa o interesse pelos medicamentos citados por Mure tem crescido. Em 2003, o pesquisador alemão Peter BARTHEL, comprometido com a qualidade do medicamento homeopático, e preocupado com a correta identificação das substâncias usadas para a sua produção, nos convidou para auxiliar na localização e determinação desta planta<sup>(3,4,5)</sup>.

Neste desafio, deparamos com algumas dificuldades, a começar pela nomenclatura, que dificulta a perfeita identificação da planta usada por Mure. Na tradução em português, encontramos *Jacaranda caroba* (D.C.) *Bignonia caroba* (Vell.) *Bignoniaceae*. A revisão farmacêutica acrescentou diversos sinônimos para nomes científicos e populares que, ao invés de facilitar, podem trazer mais imprecisão. OLIVEIRA chama a planta usada por Mure de *Jacaranda brasiliense* ou *caroba*, sem descrevê-la<sup>(1,2)</sup>.

PENNA acrescenta inúmeros sinônimos, referencia Mure e Albuquerque, mantendo o nome *Jacaranda brasiliensis*. Cita que “Mure fez várias experiências puras do *Jacarandá brasilic*”, aumentando a confusão entre os nomes do vegetal.

Descreve-o como um “arbusto trepador”, com florescência em setembro, dados que não foram confirmados por nós. Cita o uso de casca da raiz, folhas ou flores, sendo que esta última teria sido preferida por Mure. Consultando CORREA, chegaríamos ao nome popular carobinha, que LORENZI, no entanto, relaciona com *Jacaranda puberula Cham*. A única farmacopéia homeopática que referencia esta planta é a americana HPUS, com os nomes *Jacaranca caroba* DC, sinônimo *Bignonia caroba Vell.*<sup>(6,7,8,9)</sup>

Considerando que a Homeopatia tem caráter internacional, torna-se importante que pesquisadores locais possam contribuir para o conhecimento das substâncias provenientes de cada país, tornando possível a obtenção de medicamentos homeopáticos confiáveis, que traduzam perfeitamente a matéria médica. Portanto, nosso objetivo foi buscar informações para identificar o vegetal *Jacaranda caroba Vell.*, por nós definido como o que mais provavelmente teria sido usado por Mure. Além disso, coletar material fresco adequado para trituração e posterior dinamização homeopática, e ainda documentar este vegetal através de fotos exsiccatas.

Com apoio de informações obtidas na literatura já citada e no Herbário da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo (ESA da ESALQ-USP) – levantamos as características do vegetal, sua época da floração e prováveis localizações. Esta planta é encontrada no cerrado brasileiro, mais precisamente no norte do Estado de São Paulo, oeste de Minas Gerais, sul de Goiás e Mato Grosso do Sul. O município de Itapira (SP), que conta com uma área preservada de cerrado, foi escolhido pela existência de material coletado recentemente e por contar com informações de posicionamento geográfico precisas.

O local de coleta se localiza na estrada Broa-São Carlos, cerca de 11km na estrada de Itapira, aproximadamente 600m após o pedágio municipal, ao lado esquerdo da rodovia, em uma propriedade imediatamente anterior à portaria desativada de um condomínio, com coordenadas estabelecidas por 22°10'17,85”S e 47°53'03,30”W, plotadas por GPS (localizador via satélite) portátil.

Em uma primeira viagem até o local, realizada em outubro de 2003, munidos de cópias das exsiccatas, localizamos plantas saudáveis, com identificação positiva das partes vegetativas, confirmadas pelo ESA, porém não floridas. Numa segunda viagem, em dezembro de 2003, já encontramos plantas em floração. Uma vez coletadas, foram confirmadas por comparação com o ESA, e posteriormente ratificadas por Elisabete Aparecida Lopes, do Herbário Científico do Estado



*Jacaranda caroba*: planta inteira (1); folhas (2); flores (3) e frutos (4)

“Maria Eneida P. Kauffman Fidalgo”, do Instituto de Botânica (SP). Assim, a vinda do pesquisador alemão pôde ser planejada, ocorrendo em janeiro de 2004.

A espécie *Jacaranda caroba* (Vell) é uma espécie arbustiva, possui altura média de 2,5 a 10 metros (foto 1), folhas compostas bipinadas com 8 a 12 folíolos coriáceas ou subcoriáceas (foto 2), flores arroxeadas (foto 3), e frutos elípticos, secos e deiscentes (foto 4). É frequente sua referência como sinônimo de *Bignonia caroba* Vellozo, *Jacaranda clauseniaca* Casaretto, *Jacaranda mendoncae* entre outros. É importante observar que a farmacopéia homeopática americana faz uma referência a flores brancas, contrariando a literatura nacional e nossos achados<sup>(9,10)</sup>.

Com tudo preparado, fomos ao local para a coleta da planta. Foi grande a decepção quando encontramos diversos pés de jacarandá queimados. Deve-se lembrar que a região marca exatamente o início do sistema cerrado, conhecido por suas queimadas periódicas. Persistindo na busca pelo terreno, felizmente localizamos exemplares íntegros e ainda em floração, assim como outros já com frutos maduros. Essa variabilidade genética que tanto nos ajudou se deve ao fato de serem plantas silvestres e não uma cultura homogênea.

A coleta foi realizada no fim da época de floração, sendo assim foi possível coletar flores e frutos. Após documentação fotográfica, foram selecionadas amostras de folhas, frutos e flores para dinamização. Partimos de dois grãos (0,12 g) de material para efetuar três triturações manuais seriadas na proporção centesimal com lactose, segundo HAHNEMANN, chegando até uma proporção teórica de 10–6, conhecida entre os homeopatas por 3CH ou terceira trituração. Esta

dará origem a dinamizações centesimais ou cinquenta-milesimais<sup>(11)</sup>.

Do material coletado, também foram preparadas excisatas. Sua identificação foi confirmada por Elisabete Aparecida Lopes, do Herbário Científico do Estado, onde alguns exemplares foram depositados, estando disponível para consulta pública.

Concluímos que os objetivos a que nos havíamos proposto foram atingidos. Foi caracterizada a espécie mais provável do *Jacaranda caroba* descrita por Mure em sua patogenesia. Coletamos material para documentação, de maneira a torná-lo permanente e disponível para consulta pública, e ainda para proceder à imediata trituração, possibilitando o preparo de dinamizações confiáveis.

Porém é indescritível a satisfação provocada por tal desafio. Em cada um dos detalhes, desde a fase preparatória, nas pesquisas iniciais fechando as opções de planta e local, as incursões preparatórias para coleta prévia, e após a saída efetiva para a coleta propriamente dita, a preparação das triturações,

o contato com o ambiente, a preparação das excisatas e seu depósito no herbário municipal, todas as pessoas com quem mantivemos contato e buscamos auxílio, enfim, mais do que fazer uma coleta, foi uma experiência que proporcionou grande desenvolvimento profissional para os envolvidos. Seria extremamente interessante prosseguir o trabalho com a experimentação deste medicamento, para comparação com os sintomas descritos por Mure.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MURE, Benoit Jules. Patogenesia brasileira e doutrina da Escola do Rio de Janeiro. Trad. Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo : Roca, 1999.
- OLIVEIRA, Pedro Ernesto Albuquerque de. Pathogenesia homeopática brasileira. Rio de Janeiro, 1856, pág. 144.
- BARTHEL, Peter. Das Vermächtnis HAHNEMANNs - die Qualität der Homöopathischen Arznei. Zeitschrift für klassische Homöopathie. Trad. ingl. A.R.Meuss, FIL, MTA; 1993.
- BARTHEL, Peter. O legado de HAHNEMANN: as potências Q (LM). Revista de Homeopatia (São Paulo) 1993; 58(1):13-23.
- BARTHEL, Peter. O legado de HAHNEMANN: ascensão e queda de Bryonia alba. Revista de Homeopatia (São Paulo) 1994; 59(1):37-9.
- PENNA, M. Notas sobre plantas brasileiras. Araujo Penna & Cia, 2ª ed., 1930, Rio de Janeiro, pág. 225.
- CORRÊA, M. Pio. Dicionário das Plantas Úteis do Brasil, vol. 2, pág. 66
- LORENZI, Harri. Árvores Brasileira. Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil. Nova Odessa, Plantarum, 1992, pág. 41
- The Pharmacopoeia Convention of the American Institute of Homeopathy. Homeopathic pharmacopoeia of the United States. 9ª ed. 5012, Falls Church: Otis Clapp&Son; dec 1991.
- GENTRY, A. H. Flora neotropica. Taxonomic treatment. Vol. 25, 2, 1992.
- HAHNEMANN, S. Organon der Heilkunst - Organon da arte de curar, 6ª ed. Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abraão Brickmann; 1995.